

ARTIGOS
ARTICLES

.....

.....

CHANCELADORES DE SENTIDOS: AGENDAMENTOS DO CAMPO JORNALÍSTICO SOBRE A RIO+20 NOS JORNAIS *LE MONDE* E *FOLHA DE S. PAULO*

*Sealers of senses: journalistic field's
agendas about the Rio+20 in the
newspapers Le Monde and Folha de
S. Paulo*

Vinícius Flôres*
Jane Mazzarino**

RESUMO

O campo jornalístico assume papel centralizador na sociedade ao canalizar discursos de outros campos e agendá-los para a sociedade, a partir de um processo de enquadramento, conforme determinadas regras produtivas. O objetivo deste artigo é analisar as matérias jornalísticas dos jornais *Le Monde* e *Folha de S. Paulo* sobre

* Jornalista pelo Centro Universitário Univates, do Rio Grande do Sul. Possui três anos de experiência como pesquisador de iniciação científica pela Fapergs e pelo Centro Universitário Univates, sob a orientação da professora Doutora Jane Márcia Mazzarino, com ênfase em jornalismo ambiental. E-mail: vinidsf@gmail.com

** Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com estágio de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Bacharel em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora adjunta no Centro Universitário Univates, atuando no Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (mestrado e doutorado), e nos cursos de graduação em Comunicação Social. Coordena o projeto de extensão Comunicação para Educação Ambiental. Coordena o grupo de pesquisa Práticas Ambientais, Comunicação, Educação e Cidadania (CNPq).

E-mail: janemazzarino@gmail.com.

Revisão técnica: Jane Mazzarino

Revisão ortográfica: Vinícius Flôres

Data da submissão: 2/julho/2014

Data da aprovação: 28/julho/2014

a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, compreendidas por meio da Teoria da Agenda, identificando marcas e escolhas dos *gatekeepers* dos veículos, tendo como base os critérios de noticiabilidade presentes nas matérias noticiosas. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo. Considera-se que a escolha destes dois impressos possibilita captar duas percepções – uma europeia e outra latino-americana – sobre o evento e a temática ambiental. Assim, da análise irão emergir marcas e estratégias dos veículos na cobertura da Rio + 20, as quais ofereceram subsídios para a formação da opinião dos leitores sobre a mesma.

Palavras-chave: Chanceladores de Sentidos. Jornalismo Ambiental. Rio + 20. Le Monde. Folha de S.Paulo.

ABSTRACT

The journalistic field assumes centralizing function in society when it canalizes speeches from other fields and offers them to society, by a framing process according to certain production rules. The purpose of this article is to analyze news about the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio + 20, in the newspapers *Le Monde* and *Folha de S.Paulo*, understood through the Agenda-Setting theory, identifying *gatekeepers'* marks and choices, based on the newsworthiness presents in news stories. The method used was content analysis. It's considered that the choice of these two newspapers allows capturing two perceptions – an european and latin american – about the event and environmental issues. Then, from analysis will emerge vehicles' brands and strategies in the coverage of Rio + 20, which offered subsidies to readers' opinion formation.

Keywords: Sealers of Senses. Environmental Journalism. Rio + 20. Le Monde. Folha de S.Paulo.

1 Introdução

De um lado o campo jornalístico sugere visões de mundo na tentativa de interpretar a realidade. Os receptores se apropriam destas visões sobre os temas pautados para construir suas próprias opiniões. De outro lado, emergem as causas ambientais, discutidas em várias conferências globais desde 1972 até a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, ocorrida em junho de 2012, no Brasil.

Tanto as questões da comunicação quanto as ambientais assumem centralidade no debate público contemporâneo. Para Melucci, a questão ecológica tem como primeiro plano a dimensão cultural da ação humana, por ser o lugar onde se colocam as questões sobre o destino da humanidade. Do mesmo modo, os fazeres midiáticos são práticas culturais que solicitam compreensão, para as quais os métodos científicos contribuem.

Não é possível imaginar um futuro viável para a vida sem intervir sobre as relações sociais, sobre os sistemas simbólicos, sobre a circulação de informações, quanto ou mais do que se intervém sobre os conjuntos técnicos. Os que se preocupam em governar a complexidade, agindo sobre as coisas, arriscam um erro prospectivo, uma espécie de miopia substancial. A eficácia sobre as coisas, hoje, depende sempre mais da capacidade de agir sobre os códigos simbólicos que regem a vida cotidiana, os sistemas políticos, as formas de produção e de consumo. (MELUCCI, 2004, p. 57).

O campo jornalístico é um espaço privilegiado de circulação de sentido na sociedade complexa. Investigar seus modos de fazer, em relação aos temas ambientais, é debruçar-se sobre um tema de interesse global. Este estudo colabora com a reflexão sobre o jornalismo aplicado em continentes diferentes, salientando as divergências e congruências pertinentes ao mundo globalizado. Analisam-se as matérias jornalísticas dos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo* sobre a Rio+20, identificando marcas e escolhas dos veículos, tomando como referencial as teorias da Agenda, Gatekeeper, Newsmaking e Espiral do Silêncio, além de abordar o conceito de gramáticas de produção.

Trata-se de um estudo de caso quantitativo, de caráter exploratório, que se utiliza de pesquisas bibliográfica e documental. A coleta de dados foi realizada sobre as matérias referentes à Rio+20 publicadas no mês do evento, nos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo*. Embora o método quantitativo utilizado tenha surgido em um universo de percepções totalizantes, caso do pensamento moderno em que o jornalismo é compreendido como um reproduzidor da realidade, sublinha-se sua pertinente utilidade como mecanismo para expor marcas – e não verdades absolutas – de um determinado acontecimento.

2 Referencial teórico

Os processos de midiaticização são oriundos da articulação entre dispositivos tecnológicos e conjunturas específicas de produção e recepção. Estes processos estabelecem regras e princípios para suas narrativas, organizados em gramáticas de produção, conforme Verón (2004). Elas operam como dispositivos de enunciação, os quais despertam os sentidos de um outro, o receptor deste discurso, que com suas percepções estabelece outras gramáticas, estas de reconhecimento.

Cada produto jornalístico é constituído por gramáticas de produção, as quais estabelecem marcas que possibilitam sua reformulação a partir de contratos de leitura, formados entre produtores e receptores, que visam produzir confiança e criar uma crença estável. (VERÓN, 1991). As gramáticas de reconhecimento elaboram outras gramáticas que, por meio das marcas inseridas no discurso de recepção, também podem ser reconstruídas. Vale destacar que as condições sociais de produção nunca são as mesmas condições do reconhecimento. A distância entre elas é variável, sendo que desta diferença desponta o conceito de circulação (entre produção e reconhecimento), em que sucede o que Verón denomina como desgaste perpétuo. (VERÓN, 1996).

Inserida neste contexto, apresenta-se a Teoria da Agenda, de McCombs (2009), que aborda a transição de saliências entre agendas. Seu pressuposto fundamental é que, ao enviar mensagens para a sociedade, os veículos de comunicação estarão ofertando a agenda midiática para seus receptores. Esta contém saliências, das quais o público se utiliza para construir a sua própria agenda. Com o passar do tempo, a agenda da mídia se torna um balizador de outras agendas.

No entanto, existem fatores, como os contextos sócio-histórico, cultural e econômico, que precisam ser considerados no processo de circulação de sentidos. Além disso, não se trata de um procedimento de mão única. Há casos em que as agendas públicas estabelecem a agenda da mídia, movimento que McCombs denomina como agendamento reverso. (2009, p. 35). Vale ressaltar que, na sociedade contemporânea, há uma variedade de agendas para além das agendas pública e midiática.

O elo entre os efeitos da Teoria da Agenda e a posterior manifestação de opiniões sobre assuntos específicos é denominado de sugestionamento (*priming*) (McCOMBS, 2009, p. 187). Outra ideia pertinente, para a compreensão da construção da opinião, é o modelo de psicologia social da Espiral do Silêncio, proposto por Elisabeth Noelle-Neumann. A autora investiga a influência do meio social nas pessoas, abordando o desconforto do indivíduo ao defender uma opinião não dominante, atrelado a uma estratégia macrossociológica, que nada mais é do que o silêncio sobre essa visão. (BARROS FILHO, 2008). O sujeito deduz que determinada ideia não será bem-aceita no meio social no qual está inserido, sentimento este que Noelle-Neumann chamará de Clima de Opinião. Para evitar o confronto, a tendência é se calar. Portanto, temas que contrariam a maioria são ofuscados. Logo, uma opinião minoritária tenderá, assim, a permanecer inclinada ao silêncio.

Barros Filho aponta que a obra de Alexis de Tocqueville foi a mola propulsora dos estudos de Noelle-Neumann. Em *O antigo regime* e a

revolução,¹ o autor descreve que a Revolução Francesa (1789-1799) foi clerical e, portanto, muitos eram a favor da Igreja. Por outro lado, devido à pressão social, silenciaram-se. Sublinha-se que esta proposta não sinaliza que todos detentores de ideias minoritárias seguirão esse caminho. Contudo, a exposição delas e o confronto com temas majoritários podem torná-las propensas ao isolamento e ao posterior silêncio.

Se o campo midiático tem importante papel no processo de legitimação de determinados temas na sociedade, chancelando sentidos em detrimento de outros, com inferência na formação das opiniões, é na construção e na seleção do que será ofertado que se encontra uma riqueza esclarecedora de como estas instituições operam na sociedade. Para dar pistas sobre isto, apresenta-se a Teoria do *Gatekeeper*, que surge bem longe do campo da comunicação.

Em 1947, o psicólogo social Kurt Lewin publica um estudo sobre problemas com a modificação de hábitos alimentares. Ele percebe que determinadas áreas tendem a funcionar como porteiros, organizadas com regras que inferem, posteriormente, na força do tema. Assim, ele aponta que “isso sucede não só com os canais de alimentação, mas também com a sequência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, num grupo” (LEWIN apud WOLF, 1985, p. 180).

Três anos mais tarde, David Manning White faz uso do conceito para entender o fluxo de notícias dentro dos veículos jornalísticos, identificando as cancelas que permitem ou não que a informação participe da agenda. Para tanto, acompanha a rotina de Mr. Gates, jornalista que trabalha em uma cidade norte-americana de 100 mil habitantes e possui como função a seleção de notícias oriundas de agências. Ao permitir a progressão de certas matérias, o *Gatekeeper* pretere uma considerável quantidade de informação, que não se tornará visível ao público – ao menos naquele veículo. (WOLF, 1985).

Os passaportes desse processo de seleção são conhecidos como critérios de noticiabilidade (*Newsworthiness*), presentes na Teoria do *Newsmaking* que compreende o jornalismo como uma atividade industrial e, como tal, dependente de condicionantes para atuação na enorme abundância de fatos. Estes são “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia”. (TRAQUINA, 2008, p. 63).

¹ A França, antes e depois da Revolução Francesa, é descrita e investigada na obra, publicada em 1856, de Alexis de Tocqueville. (BARROS FILHO, 2008).

Evidentemente, esse processo seletivo prioriza fatos inesperados na vida social, o que Hall et al. (1999) nomeiam como valor-notícia primário. Bourdieu (1997, p. 26), por sua vez, vai ressaltar que os jornalistas, de modo geral, “[...] só se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe com o ordinário, pelo que não é cotidiano – os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extraordinário [...]”. O sociólogo se utiliza ainda da metáfora ao dizer que os jornalistas possuem óculos pelos quais veem certas coisas e outras não.

Os valores-notícia não aparecem isoladamente, atuando em estruturas, segundo as quais quanto mais complexos os circuitos valorativos que as compõem, maior será a possibilidade de cruzarem pelo *Gatekeeper* e metamorfosearem em um produto jornalístico. Não obstante, os valores-notícia tendem a variar de importância conforme a plataforma noticiosa (televisão, rádio, impresso, Web).

A seleção perpassa todo processo de produção, adequando o acontecimento selecionado em gêneros jornalísticos. Melo e Assis (2010) classificam os produtos jornalísticos em gêneros informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta), utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço), interpretativo (dossiê, perfil, enquête e cronologia – oscilando entre os estilos informativo e opinativo) e diversional (história de interesse humano e história colorida).

Portanto, tem-se o jornalismo como uma atividade que, por meio de sua diversidade técnica, averigua e transforma acontecimentos em produtos jornalísticos, selecionados com base em critérios de noticiabilidade (*Gatekeeper* e *Newsmaking*), para serem lançados na sociedade, de modo a agendá-la sobre os temas que considera importantes (Teoria da Agenda), organizados por meio de diferentes gêneros.

Embora o conceito de reproduzidor da realidade, levantado pela Teoria do Espelho, no século XIX, em que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2012, p. 148), já esteja desconstruído, os veículos de comunicação ainda se vendem como expositores da verdade. Isso implica o dever dos produtores jornalísticos com a compreensão da notícia por diferentes óticas, expondo-as de maneira clara. Pois, “a maior contribuição esperada de um veículo jornalístico é o estímulo ao debate, ampliando a capacidade de a sociedade discutir, debater e deliberar sobre as suas causas essenciais”. (MORAES, 2008, p. 4). Isso significa que, ao abordar determinada temática, é preciso dar voz à multiplicidade de discursos em torno dela.

O objetivo principal deste artigo é analisar as matérias jornalísticas dos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo* sobre a Conferência das Nações

Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio + 20, compreendidas por meio da Teoria da Agenda, identificando marcas e escolhas proferidas pelos *gatekeepers* dos veículos, tendo como base os critérios de noticiabilidade presentes nas matérias noticiosas, a fim de caracterizar as óticas utilizadas neste processo.

3 Método

Trata-se de um estudo de caso quantitativo, de caráter exploratório, que se utiliza de pesquisas bibliográfica e documental. A coleta de dados para análise documental foi realizada sobre todas as matérias relacionadas à Rio + 20, publicadas no mês do evento, junho de 2012, nos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo*. Para tanto, utilizou-se da versão virtual dos periódicos, que corresponde à transposição da versão impressa.

A amostragem é não probabilística, por tipicidade, tendo em vista que a seleção destes dois jornais está relacionada à relevância jornalística nos países e continentes aos quais pertencem. O primeiro, jornal dos intelectuais, reconhecido como um dos mais proeminentes jornais do mundo, com forte influência na Europa. (MOLINA, 2008). O segundo, um dos maiores jornais da América Latina e o maior em circulação no Brasil, país-sede da conferência Rio + 20, com histórica participação na vida política brasileira. (PILAGALLO, 2012).

Logo, considera-se que a escolha deles possibilitará captar duas percepções – uma europeia e outra latino-americana – sobre o evento e a temática ambiental. Vale lembrar que, na seleção dos veículos, foi incluído o jornal *The New York Times*, dos Estados Unidos, considerado o suprasumo do jornalismo no mundo. Porém, devido à pouca frequência de matérias sobre o evento (três durante um mês, mesmo número do seu então coirmão, *The Internacional Herald Tribune*), decidiu-se não incluir o periódico no trabalho. Os documentos coletados foram escolhidos por tipicidade, portanto, referem-se ao tema Rio + 20.

Aplicou-se a Análise de Conteúdo (AC), que historicamente desponta em estudos sobre a mídia com Harold Laswell, em 1927. Segundo Herscovitz (2008), consiste em uma visão matemática e quantitativa do conteúdo, com base no positivismo de Augusto Comte e no neopositivismo dos pensadores do Círculo de Viena. Com base nos pressupostos da AC, todas as matérias sobre a Rio + 20, publicadas nos dois periódicos, foram consideradas como unidades de análise. O período escolhido foi todo o mês de junho de 2012, já que abrange um momento antes, durante e depois do evento, que ocorreu entre os dias 13 e 22. Esta etapa será dividida em quatro categorias: a) frequência; b) editoria; c) gênero; e d) tema.

A AC serviu como suporte para apontar aproximações e distanciamentos entre as gramáticas de produção (VERÓN, 2004) dos veículos jornalísticos, expostas pelas categorias de análise tomadas, o que contribui à compreensão dos agendamentos realizados pelos jornais *Le Monde* e *Folha de S. Paulo*. Assim, da análise emergiram marcas e estratégias dos veículos na cobertura da última grande conferência mundial sobre a temática ambiental, a Rio + 20, as quais ofereceram subsídios para a formação da opinião dos leitores sobre a mesma.

4 Análise quantitativa

4.1 Frequência

Nesta categoria, analisa-se a frequência de matérias sobre a Rio + 20. Abaixo, os períodos analisados e suas respectivas quantias em cada jornal. No final, a soma de todo o mês de análise.

Tabela 1 – Frequência das matérias nos jornais

	<i>Folha de S. Paulo</i>	%	<i>Le Monde</i>	%
Antes do evento (1 a 12 de junho)	49	23,79	6	18,18
Durante o evento (13 a 22 de junho)	134	65,05	21	63,64
Depois do evento (23 a 30 de junho)	23	11,16	6	18,18
Total	206	100	33	100

Fonte: *Le Monde* e *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* teve a cobertura numericamente mais abrangente. Ao todo, foram 206 abordagens no mês de junho de 2012. Há uma preparação do leitor para o evento, antes de sua ocorrência. O período durante a Rio + 20 foi o mais significativo, com 134 matérias. Na sequência, o pós-evento traz 23 abordagens no jornal brasileiro.

Observa-se que, neste veículo, 65,05% do montante de matérias surgiram durante os dias do evento. Com quase um quarto do total, o período prévio se sobressai com 23,79%, o que demonstra uma considerável abordagem, por parte do jornal, dos assuntos que seriam tratados. Por fim, o período posterior demonstra um declínio gradativo, com 11,16% da soma final.

O *Le Monde* faz uma abordagem quantitativamente bastante inferior, se comparado ao periódico brasileiro. Nos três períodos analisados, foram 33 abordagens no total. Assim como acontece na cobertura da *Folha de*

S.Paulo, durante o evento teve maior proeminência, com 21 matérias. Desta forma, 63,64% da cobertura ocorre nestes dias.

Antes e depois da Rio+20, houve seis abordagens em cada, somando 36,36%, o que revela um nivelamento entre os períodos no *Le Monde*. Isto mostra também uma distinção numérica entre as coberturas, sendo que, na francesa, há um equilíbrio nos polos do mês, diferentemente do que evidencia a abordagem da *Folha de S.Paulo*, com um declínio maior após a conferência. Por fim, o movimento de diminuição, após o evento, era esperado, em razão de um dos pressupostos básicos do jornalismo, do que é notícia: ser um fato novo.

4.2 Editoria

Nesta categoria de análise, intitulada Editoria, serão tratadas as disposições geográficas das matérias nos jornais e suas frequências no período analisado. Portanto, não somente editorias serão abordadas, mas também cadernos, revistas e demais suplementos apresentados pelos periódicos investigados.

4.2.1 *Folha de S.Paulo*

Tabela 2 – Frequência das editorias em junho na *Folha de S.Paulo*

Editoria	Frequência	%
<i>Cotidiano</i>	109	52,91
<i>Opinião</i>	35	17
<i>Especial Ambiente – Rio+20</i>	19	9,22
<i>Ciência+ saúde</i>	15	7,28
<i>Mercado</i>	12	5,82
<i>Poder</i>	6	2,91
<i>Ilustrada</i>	4	1,94
<i>Folhinha</i>	3	1,46
<i>Mundo</i>	2	0,97
<i>Revista são paulo</i>	1	0,48
Total	206	100

Fonte: *Folha de S.Paulo*

A *Folha de S.Paulo* dispôs as 206 ofertas jornalísticas em sete editorias, quatro cadernos e uma revista. Durante todo o mês, a editoria *Cotidiano* foi a mais proeminente, com 109 abordagens, representando 52,91% do total. Trata-se de um espaço voltado para as áreas de segurança, educação e direito do consumidor, com matérias sobre as principais capitais do Brasil.

Na sequência, *Opinião* aparece com 35 ofertas, refletindo em 16,99%. Como o próprio nome sugere, trata-se de um espaço destinado aos editoriais, artigos e comentários, inerentes ao gênero opinativo. Com 9,22%, *Especial Ambiente – Rio+20* dispõe de 19 abordagens. Diferentemente dos anteriores, este é um caderno criado para tratar do evento, sendo veiculado apenas no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente.

Ciência + saúde surge posteriormente com 15 matérias, 7,28% do montante da amostra. Ela é a junção das editorias *Ciência* e *Saúde*. A primeira, mais relacionada à divulgação de descobertas e pesquisas, tanto no Brasil como no mundo, com forte cunho didático. A segunda, está voltada à medicina, também com enfoque nacional e internacional, além do caráter educativo, explorado através dos recursos visuais utilizados. Em comum, ambas não trataram do gênero opinativo no período de análise.

A editoria *Mercado* da *Folha de S.Paulo*, que aborda questões econômicas no Brasil e no mundo, vem na sequência com 12 matérias, o que significa 5,83% do total. Diferentemente da anterior, artigos aparecem aqui, porém com destaque para os outros gêneros. O mesmo pode-se dizer de *Poder*, editoria de temas políticos, ofertando 2,91% com seis matérias.

As áreas de cultura e entretenimento são abordadas pela *Ilustrada*, trazendo temas como música, cinema e gastronomia. Esta editoria ofertou 1,94% com quatro ofertas. Na sequência, surge o caderno *Folhinha* com três matérias, 1,46%, este que circula todo sábado com reportagens para crianças, incluindo quadrinhos, passatempos e brincadeiras.

Por fim, a editoria de notícias internacionais *Mundo* apresenta duas matérias, 0,97%, seguida da *Revista são paulo* com uma oferta, 0,49%. Esta última é um complemento dominical da editoria *Cotidiano*, tratando de temas variados como arquitetura, trânsito e consumo. Inclui sugestões de roteiros de cultura e lazer na capital paulista.

4.2.2 Le Monde

Tabela 3 – Frequência das editorias em junho no *Le Monde*

Editoria	Frequência	%
<i>Planète</i>	14	42,42
<i>Éco & Entreprise</i>	8	24,24
<i>Événement</i>	3	9,09
<i>Géo & Politique</i>	2	6,06
<i>Écrans</i>	2	6,06
Capa (sem editoria)	1	3,03
<i>Politique</i>	1	3,03
<i>Page Deux</i>	1	3,03
<i>M Le Magazine du Monde</i>	1	3,03
Total	33	100

Fonte: *Le Monde*.

Le Monde ofertou 33 matérias sobre a Rio + 20 durante junho, distribuídas em seis editorias, dois cadernos, uma revista e uma sem editoria. Esta última localizada na capa do periódico. A editoria fixa *Planète* se destaca como o espaço com maior aparição, com 14 ao todo, divididas em seis notícias, quatro reportagens, duas notas, um artigo e uma reportagem.

Trata-se do espaço responsável pelos assuntos ligados ao meio ambiente, como clima, energia, recursos naturais, biodiversidade, agricultura, alimentação, poluição, entre outros. Como pode-se perceber, diferentemente da *Folha de S. Paulo*, *Le Monde* possui um espaço específico e fixo para a temática ambiental.

O caderno semanal sobre negócios *Éco & Entreprise*, que circula toda terça-feira, vem na sequência com oito matérias, separadas em três artigos, duas reportagens (uma com entrevista), uma nota, um serviço e uma entrevista. Já *Événement* foi uma editoria criada para abordar a Rio + 20. Só apareceu no dia 20 de junho, distribuída em três páginas, com duas reportagens (uma com infográfico) e uma notícia.

O caderno semanal *Géo & Politique*, incluído na edição de segunda-feira e responsável por temas geopolíticos, ofertou uma nota e uma reportagem. A editoria fixa *Écrans*, que aborda textos de colunistas e comentários de leitores, ofertou um artigo e uma carta. A editoria *Politique* é uma editoria fixa que trata da temática política no jornal. Abordou o tema apenas uma vez com uma nota, assim como *M Le Magazine du Monde*, revista de moda e cultura que circula aos sábados no *Le Monde*.

Page Deux ofertou uma reportagem. Trata-se de uma editoria flexível, quase diária, na segunda página do jornal. Por vezes divide espaço com outras editorias flexíveis, em outras dá espaço para reportagens. Normalmente é composta por um artigo à esquerda e matérias à direita. Por fim, o jornal dedicou um espaço na sua capa para publicar um editorial após o término da Rio + 20, avaliando o Texto Final do evento. Vale destacar que esta é uma política recorrente do veículo: publicar editoriais na capa.

4.3 Gêneros jornalísticos

Nesta categoria, organizou-se as ofertas dos jornais em gêneros jornalísticos, conforme Melo e Assis (2010).

4.3.1 *Folha de S.Paulo*

Tabela 4 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho na *Folha de S.Paulo*

Gênero jornalístico	Frequência	%
Notícia	60	29,13
Artigo	46	22,33
Nota	46	22,33
Reportagem	24	11,65
Carta	11	5,34
Entrevista	10	4,85
Serviço	5	2,43
Editorial	3	1,46
Infográfico	1	0,48
Total	206	100

Fonte: Folha de S.Paulo.

As 206 matérias estão divididas em nove gêneros. Notícia assoma 60 abordagens, 29,13% do total, sendo que três destas utilizaram infográfico como complemento e duas vieram com serviço. Artigo surge na sequência com 46 ofertas, traduzindo-se em 22,33%. A mesma frequência tem em Nota, sendo que uma possui serviço.

Reportagem segue com 24 matérias, 11 delas com infográfico. Por conseguinte, Carta surge em 11 abordagens. Dez foram as entrevistas veiculadas isoladamente. Destas, uma utiliza infográfico e outra mescla serviço com notas. Serviço tem cinco aparições; Editorial, três e Infográfico, uma.

Portanto, 140 das 206 caracterizam-se como gênero informativo, e 60, como gênero opinativo, constituindo-se estes dois gêneros como predominantes, o que será levado em conta na análise qualitativa.² Sublinha-se ainda que, com base nestes dados, a *Folha de S.Paulo* caracteriza-se como um jornal fortemente opinativo.

4.3.2 *Le Monde*

Tabela 5 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho no *Le Monde*

Gênero jornalístico	Frequência	%
Reportagem	10	30,30
Notícia	7	21,21
Nota	6	18,18
Artigo	5	15,15
Entrevista	2	6,06
Serviço	1	3,03
Editorial	1	3,03
Carta	1	3,03
Total	33	100

Fonte: *Le Monde*.

Le Monde traz um cenário geral um pouco diferente do jornal brasileiro. Ao todo as 33 matérias publicadas neste período distribuem-se em oito gêneros. No topo das frequências se sobressai Reportagem, com dez ao todo, uma com entrevista de complemento e outra com infografia. Isto nos remete ao caráter de profundidade do periódico francês, em um movimento que se aproxima do que representam hoje as revistas no Brasil, com um jornalismo mais analítico e aprofundado.

O gênero Notícia aparece com sete amostras, seguido de Nota com seis. Artigo tem cinco aparições no período analisado. Isoladamente, Entrevista é ofertada duas vezes. Por fim, com apenas uma veiculação, surgem Serviço, Carta e Editorial – este último avaliando o Texto Final do evento. Do total, são 25 informativas, sete opinativas e uma utilitária.

4.4 Temas

Nesta categoria, incluem-se os temas destacados nas coberturas dos veículos. A fim de evitar um acúmulo de temas com pouca frequência,

² Realizada em outros três artigos relacionados na mesma pesquisa.

houve necessidade de aglutiná-los, para que favorecessem a análise quantitativa, contendo assim uma nota de rodapé nestas para a compreensão do que compõe cada grupo temático.

4.4.1 Folha de S.Paulo

Tabela 6 – Frequência das categorias temáticas em junho na *Folha de S.Paulo*

Categorias temáticas	Frequência	%
Governança ³	34	16,50
Fatos do Evento com Pouca Frequência ⁴	23	11,16
Personalidades Políticas ⁵	17	8,25
Avaliação do Evento ⁶	15	7,28
Texto Final	13	6,31
Crise Ambiental ⁷	13	6,31
Economia Verde	12	5,82
Políticas Ecoamigáveis ⁸	10	4,85
Protesto	9	4,37
Eco-92	9	4,37
Indústria ⁹	9	4,37
Poluição	7	3,40
Política Brasileira ¹⁰	6	2,91
Personalidades Culturais ¹¹	5	2,43
Energia	4	1,94
Produto Interno Bruto (PIB)	4	1,94
Mulher	3	1,46
Protagonismo do Brasil	3	1,46
Turismo	2	0,97
Atual Modelo Econômico	2	0,97
Educação	2	0,97
Criança	2	0,97
Estados Unidos	2	0,97
Total	206	100

Fonte: *Folha de S.Paulo*.

³ Metas ambientais (7), Disputa entre ricos e pobres nas negociações (6), Propostas de cientistas (3), Mares nas negociações (2), Adiamento de ações (2), Questiona poder de negociações (2), Interesses distintos nas negociações (2), Baixa ambição no encontro, Conservadorismo nas decisões, Temas gerais das negociações, Terminologia usada nas negociações, Exclusão de agência ambiental do texto, Mulher no texto, Esvaziamento em reunião, Criação de área de preservação mundial, Modelo eficaz de negociação, Dicotomia esquerda e direita.

⁴ Trânsito (2), Sumiço de plantas, Segurança, Rádio local, Premiação de ONG, Morte de indígena, Internet, Grama sintética, Furtos, Feira, Exposição paralela, Distribuição de sacolas, Culinária,

Nesta etapa, as 206 matérias foram divididas em 23 categorias temáticas. Aqui, é preciso afirmar que esta escolha tem o intuito de organizar a análise, não negando-se nem excluindo-se suas limitações, na medida em que certos temas possuem características passíveis de serem realocadas em outros grupos. No entanto, salienta-se que todas as ofertas foram inseridas de acordo com seu cerne temático referido.

Com 34 frequências, a categoria Governança aparece em primeiro lugar na *Folha de S.Paulo*. Estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável, é também um dos temas principais da Rio + 20. Aqui é pertinente destacar que este foi um tema pulverizado em outras pautas, relativas ao processo que intitula a categoria. Desta forma, pode-se subdividi-la em duas camadas: a primeira, relativa às metas ambientais, oriundas do processo de Governança; a segunda, relacionada às negociações propriamente ditas.

Assim, quanto às metas ambientais, que somam sete amostras, cinco são sobre pacotes, acordos e compromissos sobre o meio ambiente, enquanto que uma traz um relato da falta de metas para manter florestas e outra sobre o pouco avanço em metas existentes. Tratando-se das negociações, a diversidade aumenta, sendo que o destaque aqui fica para a disputa entre países ricos e pobres no evento.

Na sequência, apresenta-se a categoria Fatos do Evento com Pouca Frequência, que também agrupou outras temáticas. Como o próprio nome sugere, ela se refere aos acontecimentos da Rio + 20 que apareceram raramente, sobretudo em formato de notas, somando ao todo 23 matérias. A característica nuclear deste grupo são temas factuais e, por assim dizer, secundários, o que fica sublinhado na sua frequência. Com a exceção de Trânsito, com duas aparições, o restante soma uma oferta cada.

Barraca de alimentos, Banca de livros, Acampamento, Floresta cenográfica, Ativistas, Serviço do evento, Objetivos do evento, Gastos com evento, Cobertura jornalística.

⁵ Dilma (2), Primeiras-damas (2), Vladimir Putin, Lula, Fernando Henrique Cardoso, Leila Lopes, Christine Lagarde, Cristina Kirchner, Fernando Collor, Cacique Raoni, Angela Merkel, Ahmadinejad, Thomas Stelzer, Antônio Patriota, Sha Zukang.

⁶ Fracasso (10), Demagogia (4), Sucesso.

⁷ Crise ambiental (5), Desmatamento (2), Crescimento populacional (2), Questionamento sobre crise ambiental, Gases do efeito estufa, Pessimismo com o futuro do planeta, Clima.

⁸ Reciclagem (3), Preservação (2), Cidades sustentáveis (2), Sustentabilidade (2), Racionalização do consumo.

⁹ Redução de impactos da indústria (6), Indústria e Greenwash, Impostos altos como impeditivo da mudança, Ignorância como impeditivo da mudança.

¹⁰ Governo brasileiro (3), Campanha política, Votação do Código Florestal, Compra de terras no Brasil.

¹¹ Luiz Felipe Pondé (2), Lucy Lawless, Michel Foucault, Edward Norton.

A mesma lógica de volume fragmentado, mas com presença maciça durante o evento, segue em Personalidades Políticas, com 17 publicações. Dilma e Primeiras-damas possuem duas publicações cada. As demais surgem apenas uma vez cada. Nesta categoria, pode-se subdividir as abordagens em: presença da personalidade no evento, ausência da personalidade no evento, declaração da personalidade no evento e ação da personalidade no evento. Assim como no grupo anterior, o gênero nota é dominante aqui.

A categoria Avaliação do Evento é abordada 15 vezes, entre os períodos durante e depois do evento. Como o próprio nome indica, o gênero opinativo é predominante aqui. A ótica do Fracasso é explorada 10 vezes. Análises com o viés da Demagogia marcam quatro amostras, todas assinadas pelo filósofo e colunista do jornal, Luiz Felipe Pondé. A única menção do evento pelo olhar do Sucesso é referida pela senadora Kátia Abreu, defensora ferrenha da atividade agropecuária. É preciso constar que ofertas com propósitos de avaliar também aparecem em outras categorias. Contudo, a avaliação nestas é específica ao âmbito temático referido. Por sua vez, aqui o núcleo é mais amplo, referindo-se ao evento de modo geral.

Com 13 publicações, mostra-se o tema Texto Final, do qual a presença se intensifica perto do término do evento e dias posteriores. Diferentemente dos anteriores, que consistiam em grandes categorias, este é específico e sem variantes. Com a mesma frequência surge Crise ambiental. Esta agrega tópicos diversos, todos interligados de alguma forma ao nome da categoria, seja abordando literalmente, seja tratando de temáticas discursivas muito presentes na noção de crise ambiental, como gases do efeito estufa, desmatamento desenfreado e crescimento populacional dialogando com o aumento do consumo no padrão de vida vigente.

Economia Verde, um dos temas principais da Rio + 20, é ofertada 12 vezes. Destas, oito surgem antes e quatro durante o evento. Em outras palavras, conforme o acontecimento chega a seu fim, esta temática é preterida das páginas do jornal, apesar da relevância, sublinhada ao constar como uma das principais discussões da conferência. Já a categoria Políticas Ecoamigáveis reúne temas como Reciclagem, referida três vezes; preservação, cidades sustentáveis e sustentabilidade, duas vezes; e racionalização do consumo, com uma citação. No total, foram dez abordagens. Desta forma, como o próprio nome sugere, aqui estão agrupadas ofertas que trazem medidas, exemplos e tópicos procedentes de iniciativas verdes.

Protesto vem na sequência com nove vezes, todas durante a Rio + 20. Com a mesma frequência aparecem Eco-92 e Indústria, esta última fragmentada em outros quatro temas. Poluição tem sete ofertas. Devido a sua proeminência na análise documental, esta categoria não foi incluída em

Crise ambiental. Posteriormente, se fará uma leitura deste fenômeno, já que, ao se comparar esta temática com outras presentes em Crise ambiental, tem-se uma considerável diferença numérica de abordagem.

Já Política Brasileira possui seis aparições, divididas em três referências ao Governo brasileiro, uma para Campanha política, uma para Votação do Código Florestal e outra para Compra de terras no Brasil. Por conseguinte, Energia e PIB têm quatro citações cada, assim como Personalidades culturais, que agrupa Lucy Lawless, Edward Norton (atores), Michel Foucault e Luiz Felipe Pondé (filósofos). Mulher e Protagonismo do Brasil surgem com três cada. Esta última difere de Política brasileira, ao tratar do país sem o viés partidário. Por fim, com duas amostras, assomam Turismo, Atual Modelo Econômico, Educação, Criança e Estados Unidos.

4.4.2 Le Monde

Tabela 7 – Frequência das categorias temáticas em junho no *Le Monde*

Categorias temáticas	Frequência	%
Economia Verde	8	24,24
Governança	7	21,21
Texto Final	3	9,09
Protesto	2	6,06
Energia	2	6,06
Fatos do Evento com Pouca Frequência ¹²	2	6,06
Produto Interno Bruto (PIB)	1	3,03
Livro	1	3,03
Personalidades Políticas ¹³	1	3,03
Avaliação do Evento ¹⁴	1	3,03
Personalidades Culturais ¹⁵	1	3,03
Ecologia	1	3,03
Crise Ambiental	1	3,03
Indústria ¹⁶	1	3,03
Canadá	1	3,03
Total	33	100

Fonte: *Le Monde*.

¹² Serviço, Preparação para evento.

¹³ François Hollande.

¹⁴ Fracasso.

¹⁵ Emilio Eigenheer.

¹⁶ Complô de empresas poluentes.

A cobertura completa do jornal francês *Le Monde* contou com 33 matérias, organizadas em 15 categorias temáticas. A primeira delas é Economia Verde, com oito ofertas, seguida de Governança, com sete. Estes também são os temas principais da Rio + 20. O primeiro esteve presente em todos os períodos, prevalecendo o gênero Reportagem nas aparições com metade do total. Já o segundo aparece só nos períodos antes do e durante o acontecimento, com maior incidência para o gênero Notícia.

Na sequência, surge Texto final, com três amostras – Nota, Notícia e Editorial –, uma durante e outra depois do evento. Já com duas referências observam-se Protesto, Energia e Fatos do Evento com Pouca Frequência. O primeiro tema em formato de Nota. O segundo como Entrevista e Reportagem. Já o último como Nota e Serviço. Em comum, os três temas são abordados antes e durante a Rio + 20. Com apenas uma frequência em todo o mês, completam a lista PIB, Livro, Personalidades Políticas, Avaliação do Evento, Personalidades culturais, Ecologia, Crise Ambiental, Indústria e Canadá.

5 Discussão

A cobertura da *Folha de S.Paulo* ofertou 206 matérias em 24 categorias temáticas, propostas em nove gêneros jornalísticos, distribuídas em sete editoriais, quatro cadernos e uma revista. Já *Le Monde* dispôs de 33 matérias em 15 categorias temáticas, enquadradas em oito gêneros jornalísticos, organizadas em seis editoriais, dois cadernos, uma revista e uma capa. O jornal francês utilizou-se, proporcionalmente, de maior diversidade de estratégias de abordagens apesar de um número muito menor de matérias sobre o tema estudado.

Percebe-se que o tratamento quantitativo foi maior na cobertura do jornal brasileiro. Isto se deve, provavelmente, pelo critério de noticiabilidade/proximidade, já que o evento aconteceu no país-sede do impresso. Se, por um lado, a diferença em frequência foi drástica, nos temas abordados ela diminui consideravelmente. Quando se analisam apenas os gêneros jornalísticos, então, o enquadramento de ambos se assemelha muito.

Na *Folha de S.Paulo*, sete foram as editoriais presentes. Em *Le Monde*, seis sobressaíram-se na coleta. Quanto aos suplementos dos jornais, quatro cadernos e uma revista apareceram no periódico brasileiro, enquanto que no francês foram dois cadernos e uma revista.

O panorama se transforma ao dividirmos o mês em antes, durante e depois do evento. Na *Folha de S.Paulo*, são 49 matérias no início, 134 nos dias do acontecimento e 23 posteriormente. Isto representa um relativo

aquecimento, uma abundância na Rio + 20 e, após, um declínio quantitativo vertiginoso. No *Le Monde*, são seis, 21 e seis ofertas, respectivamente, mantendo-se um padrão equilibrado nos polos.

Os volumes no período do acontecimento são semelhantes nos jornais. No brasileiro, significa 65,05% de toda cobertura. No francês, 63,64%. A diferença fica para o final da abordagem de *Le Monde*, com uma quantia igual ao período prévio, o que demonstra uma estabilidade, à medida que, na *Folha de S. Paulo*, a temática é encolhida.

A amostragem dos gêneros jornalísticos revela um cenário mais equilibrado. Em *Le Monde*, de seis gêneros, os três primeiros são Reportagem, Notícia e Nota, representando 76,19% do total para um enfoque prioritariamente informativo. Na *Folha de S. Paulo*, de oito tipos, predominam com 51,46% Notícia e Nota, do gênero informativo, além de Artigo com 22,33%, do gênero opinativo, somando os três 73,79% das amostras.

Assim, enquanto que em *Le Monde* o predomínio é do gênero informativo, na *Folha de S. Paulo* é notável o viés opinativo do veículo, com Artigo figurando entre os três mais ofertados em todos os períodos. A estratégia do jornal brasileiro foi explorar Reportagem antes do evento, ofertando com profundidade um vasto cardápio de temáticas da área ambiental para seus leitores. Já no *Le Monde* este gênero se manteve no topo em todos os períodos, o que ressalta seu caráter analítico e aprofundado, com destaque para os dias da conferência.

No quesito Editoria, há um predomínio de *Cotidiano* na *Folha de S. Paulo*. Isto se justifica em parte porque o jornal não dispõe de uma editoria para a temática ambiental, direcionando as matérias para o espaço responsável pelas principais capitais do Brasil, mas também pela característica presença dos gêneros *nota* e *notícia*. Já *Opinião* emerge pelo grande número de artigos publicados. Por fim, apesar de ter surgido apenas no dia 5 de junho, o caderno *Especial Ambiente – Rio + 20* vem na sequência, ofertando prioritariamente reportagens.

No *Le Monde*, a editoria *Planète*, responsável pelos temas ambientais, aparece em primeiro. Assim, o jornal francês se diferencia do brasileiro por ter um espaço fixo para esta temática. Na sequência, observa-se a presença de *Éco & Entreprise*, caderno semanal sobre negócios. Logo, para o veículo o evento teve grande *ligação* com temas relacionados à economia. Por fim, assoma *Événement*, editoria criada para tratar da conferência.

Quanto aos temas, quantitativamente os números dos jornais se aproximam se lembrada a diferença drástica em frequência de matérias de ambos. Se considerar-se apenas o período prévio da cobertura, 14 categorias temáticas surgem na *Folha de S. Paulo*, com Economia Verde (16,33%) em primeiro,

seguida de Governança (14,28%) e, dividindo o terceiro lugar, Eco-92, Crise ambiental e Políticas ecoamigáveis (10,20% cada). Em *Le Monde*, são seis categorias temáticas, com nível idêntico (16,66% cada) entre Economia Verde, Governança, Energia, Ecologia, Crise Ambiental e Fatos do Evento com Pouca Frequência. Nota-se, portanto, que os principais temas do evento coincidem e despontam nas páginas de ambos os jornais, com relativo destaque.

Portanto, com base nessas publicações, pode-se afirmar que o *Gatekeeper* da *Folha de S.Paulo* se interessa por valores-notícia como proximidade, destacado no volume ofertado de matérias sobre um evento que ocorre no Brasil; notoriedade, pela ênfase em matérias sobre autoridades políticas e culturais; curiosidade, sobretudo em categorias temáticas como Fatos do Evento com Pouca Frequência, que se utiliza basicamente do gênero Nota; continuidade, por abordar assuntos sobre a Rio+20 antes e depois da conferência; atualidade, por manter uma média diária considerável de matérias no período analisado; interesse humano, visando despertar emoções primárias nos receptores, em especial na categoria temática Políticas Ecoamigáveis.

Já o *Gatekeeper* de *Le Monde* oferta os produtos jornalísticos permeados por valores-notícia semelhantes aos verificados no jornal brasileiro, com exceção de proximidade. Além destes, acrescentam-se relevância, sublinhada ao dar o maior destaque quantitativo para os temas principais da conferência; conflito, visível na categoria temática Protesto; concorrência, por se tratar de um evento da Organização das Nações Unidas, possivelmente outros jornais estariam cobrindo o evento; referência a nações de elite, como o caso da categoria temática Canadá; e negatividade, na categoria temática Crise ambiental.

Este enfoque pessimista para a temática também tem muito a dizer sobre os leitores imaginados por estes jornais, o que faz emergir a hipótese de que estes são sujeitos marcadamente críticos e possivelmente pessimistas em relação ao tema, embora algum impacto positivo também tenha sido levantado na cobertura da conferência. É possível salientar que este fenômeno é próprio do jornalismo, tendo em vista que este discursa tendencialmente usando os valores-notícia presentes na análise, entre os quais o novo e o inusitado são imprescindíveis de um fazer jornalístico baseado em manchetes vistosas, sem espaço para o trivial. Trata-se do extraordinário em detrimento do ordinário.

Por tratar de saliências que permearam os produtos jornalísticos nos veículos, conforme a ótica das gramáticas de produção, de Verón (2004), depreende-se que os temas principais da conferência são destacados pelo jornal francês em todo o mês, enquanto que no brasileiro Economia Verde

ocupa posição intermediária. Além disso, a *Folha de S.Paulo* dá mais relevância para temas como a presença ou ausência de autoridades, pequenos fatos no entorno das instalações da conferência e até mesmo outros assuntos da área ambiental, do que *Le Monde*. Isto se justifica principalmente pelo volume de matérias.

Constata-se ainda uma aproximação da temática ambiental com a ótica capitalista. Em *Le Monde*, esta apropriação se sobressai no caderno semanal sobre negócios *Éco & Entreprise*. Na *Folha de S.Paulo*, a editoria *Mercado* se faz presente. Além disso, as categorias temáticas PIB e Economia Verde aparecem em ambos os jornais. Vale sublinhar que esta última era um dos temas principais da conferência. Nota-se também a presença de discussões sobre o Atual Modelo Econômico no jornal brasileiro. Estes dados se aproximam do que foi observado por Sampaio e Guimarães (2012), que afirmam que a sustentabilidade tem convergido com discursos econômicos, direcionando este dizer para novas falas a partir disto. Nesse sentido, Bonfiglioli (2004) observa que, nesse processo, o discurso ecológico empresarial tende a marginalizar o discurso ecológico original.

O foco econômico da temática ambiental também é apontado por Dominguez (2012), que analisa as ofertas jornalísticas sobre a hidrelétrica de Garabi, na fronteira entre Argentina e Brasil. Para ele, há uma subordinação de fontes oficiais, o que determina um jornalismo restritivo, refém de ordens de sujeitos legitimadores de sentidos. O mesmo se observa em ponderações de Costa, Cunha e Velloso (2012). Eles analisaram os discursos em matérias sobre desmatamento, sobretudo na Amazônia, publicados em 2009, nos sites do *Estadão* e da *Folha de S.Paulo*. Ambos veículos focaram o problema pela ótica econômica, com uso predominante de fontes políticas e científicas e raras menções ao terceiro setor.

Por outro lado, com base na diversidade de espaços ocupados pelo tema em ambos os veículos, pode-se inferir que a cobertura da conferência Rio + 20 permeou os jornais de modo transversal, contaminando editorias, como propõe Girardi et al. (2012). Uma lógica de distribuição semelhante é identificada no trabalho sobre o jornal paulista, feita por Cervi, Massuchin e Bronoski (2010). Os autores apontam que as matérias da temática ambiental foram publicadas nas editorias *Ciência*, *Cotidiano*, *Brasil* e *Opinião*.

O predomínio de Reportagem em *Le Monde* e a reconhecida aparição deste gênero jornalístico na *Folha de S.Paulo* remete à possibilidade de que a cobertura de ambos os jornais se propôs ser profunda na contextualização, como defendem Loose e Peruzzolo (2008). Observa-se ainda a grande presença do gênero opinativo no jornal brasileiro e a considerável abordagem em *Le Monde*. Com isto, os veículos corroboram na pluralidade

de ideias, o que irá interferir na opinião de seus leitores, possibilitando um debate mais abrangente no espaço público.

Contudo, a maciça oferta de Nota e Notícia aponta para uma cobertura também fragmentada, sobretudo no jornal brasileiro. Esta é uma característica do jornalismo diário contemporâneo, a qual vai contra a perspectiva analítica e aprofundada defendida, quase hegemonicamente, por estudiosos do jornalismo ambiental, ocasionando a manifestação do formato de notícia *fast-food*. (PRADO apud SOSTER; MACHADO, 2003). Estas especificidades também foram vistas no estudo de Alcaraz (2012), o que para ele resulta em uma abordagem simples ou episódica.

Em outras palavras, os produtos jornalísticos de ambos os jornais ofertaram gramáticas de produção que reduzem a conferência à abordagem de aspectos menores. Estas particularidades jornalísticas foram percebidas na análise quantitativa, em especial na categoria temática Fatos do Evento com Pouca Frequência, presente em ambos os veículos, a qual tem forte ligação com o gênero jornalístico Nota, de proporção semelhante.

Embora não gere automaticamente uma opinião pública geral e uniforme, estas saliências ofertadas estão presentes em banquetes valorativos sobre a conferência Rio + 20 oferecidos através do processo de agendamento pelos dois jornais analisados. Estes funcionam como chanceladores de sentidos, ao realçarem algumas marcas discursivas em detrimento de outras. Conforme a análise apresentada, esta função é notória em atributos da abundante cobertura, nas categorias temáticas Texto final e Avaliação do evento.

O fato de o campo jornalístico se caracterizar como um reprodutor de ideologias fica sublinhado quando ocupa espaço evidentemente canalizador de discursos de outras esferas, as quais através dele ganham reconhecimento. Assim, os discursos jornalísticos atuam em sociedade como uma referência importante por serem representantes de uma certa “realidade”, o que significa que os leitores de ambos os jornais tiveram, nas ofertas da conferência Rio + 20, subsídios para a construção de opiniões, as quais posteriormente puderam ser agregadas em suas manifestações no espaço público e se constituem, desta forma, como elementos inerentes de suas identidades.

Referências

- ALCARAZ, L. El cambio climático em la prensa local: agenda informativa, valores noticiosos y encuadres periodísticos em dos diarios Argentinos. *Razón y Palabra*, n. 80, p. 1-30, ago./oct. 2012.
- BARROS FILHO, C. *Ética na comunicação*. 6. ed. rev. e atual. São Paulo: Summus, 2008.
- BONFIGLIOLI, C. Discurso ecológico e mídia impressa: análise de discurso de um acidente ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2004. p. 1-15.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- CERVI, E.; MASSUCHIN, M.; BRONOSKI, B. Temática meio ambiente na Folha de S.Paulo: abordagem quantitativa da presença de fontes na cobertura sobre questões ambientais entre 1992 e 2008. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul, 2010, p. 1-15.
- COSTA, L.; CUNHA, K.; VELLOSO, B. Quando as fontes são de lá: o discurso jornalístico dos jornais Oesp e FSP sobre desmatamento durante a COP15. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2012. p. 1-14.
- DOMINGUEZ, C. O silêncio dos afogados: o desaparecimento da população ribeirinha no noticiário sobre a construção da Hidrelétrica de Garabi. *Razón y Palabra*, n. 79, p. 1-22, may/jul. 2012.
- GIRARDI, I. et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. *Comunicação & Sociedade*, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.
- HALL, S. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.
- HERSCOVITZ, H. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 123-142.
- LOOSE, E.; PERUZZOLO, A. Como o meio ambiente é tematizado no discurso jornalístico da Folha de S. Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 31., 2008, Natal. *Anais...* Natal, 2008. p. 1-15.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (org.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: Ed. Metodista, 2010.

MCCOMBS, M. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MELUCCI, A. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MOLINA, M. *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Globo, 2008.

MORAES, C. O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. *Anais...* Natal, 2008. p. 1-12.

PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SAMPAIO, S.; GUIMARÃES, L. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva*, v. 30, n. 2, 395-409, maio/ago. 2012.

SOSTER, D.; MACHADO, M. A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo. In: COMPÓS, 12., 2003, Recife. *Anais...* Recife, 2003. p. 1-11.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

_____. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.

VERÓN, E. Les médias en réception: les enjeux de la complexité. *Médias pouvoirs*, n. 21, janvier-mars 1991.

_____. *La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Gedisa, 1996.

_____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.